



FÓRUM MUNICIPAL LUÍSA TODI - SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 13 DE JULHO DE 2026 - 21H00



“Heat – Cidade Sob Pressão” (Heat, 1995), realizado por Michael Mann, é um dos grandes filmes policiais do cinema contemporâneo e, provavelmente, a obra que melhor sintetiza as obsessões do seu autor. Mais do que um thriller sobre assaltos e perseguições, “Heat” é um filme sobre homens definidos pelo seu trabalho, incapazes de viver plenamente fora dele e condenados a uma

existência onde a dedicação absoluta à profissão se transforma numa forma de isolamento. A premissa parece clássica. De um lado está Vincent Hanna (Al Pacino), detective da divisão de homicídios de Los Angeles, obstinado e inteiramente absorvido pelo trabalho. Do outro encontra-se Neil McCauley (Robert De Niro), um ladrão profissional metódico, disciplinado e avesso a qualquer risco desnecessário. Ambos são homens inteligentes, experientes e rigorosos. A diferença é apenas a posição que ocupam em lados opostos da lei. Mann evita transformar qualquer um deles num herói ou num vilão. O verdadeiro conflito nasce da consciência de que ambos partilham a mesma ética profissional, o mesmo código de conduta e, em certa medida, a mesma solidão.

É precisamente esta simetria que distingue “Heat” da maioria dos filmes policiais. O realizador não se interessa apenas pelo confronto entre polícia e criminoso; interessa-lhe mostrar como ambos vivem segundo regras semelhantes. Cada decisão é ponderada, cada gesto parece obedecer a uma disciplina quase militar. A cidade de Los Angeles surge, assim, como um enorme tabuleiro onde duas inteligências se estudam mutuamente até ao inevitável confronto.

Visualmente, Michael Mann confirma aqui um estilo que se tornaria imediatamente reconhecível. A fotografia de Dante Spinotti transforma Los Angeles numa paisagem simultaneamente moderna e melancólica, feita de autoestradas, arranha-céus de vidro e noites iluminadas por néons frios. É uma cidade monumental, mas profundamente impessoal,



onde as personagens parecem constantemente perdidas em espaços demasiado grandes para as suas vidas. Poucos realizadores conseguiram filmar o ambiente urbano com semelhante elegância e precisão. As sequências de ação continuam, passados quase trinta anos, a impressionar pela sua clareza e realismo. Michael Mann privilegia a geografia do espaço, a preparação minuciosa e o rigor táctico das operações. O célebre assalto seguido do tiroteio nas

ruas de Los Angeles permanece uma referência absoluta do género, não apenas pela espectacularidade, mas pela forma como a violência é representada sem romantização, com um impacto físico e sonoro raramente igualado no cinema americano.

Mas “Heat” vive sobretudo das suas personagens. O histórico encontro entre Al Pacino e Robert De Niro — a primeira vez que os dois actores contracenaram verdadeiramente no mesmo espaço depois de O Padrinho — Parte II — constitui um dos momentos mais memoráveis do cinema dos anos 90. Mann filma esse diálogo sem artifícios, permitindo que sejam apenas os actores, os silêncios e as palavras a sustentar uma sequência onde dois homens reconhecem no adversário um reflexo de si próprios.

À volta deste extraordinário duelo, o filme reúne um elenco secundário de enorme qualidade. Val Kilmer oferece talvez uma das melhores interpretações da sua carreira, compondo um assaltante dividido entre a lealdade ao grupo e a tentativa de preservar a família. Tom Sizemore, Ashley Judd, Diane Venora, Amy Brenneman, Jon Voight e Natalie Portman enriquecem o universo dramático, conferindo densidade humana a personagens que poderiam facilmente limitar-se a funções narrativas.

A música, assinada por Elliot Goldenthal e complementada por uma criteriosa seleção de temas contemporâneos de artistas como Brian Eno e Moby, reforça a atmosfera contemplativa do filme. Em vez de sublinhar apenas a ação, a banda sonora acompanha os momentos de silêncio e introspeção, acentuando a melancolia que percorre toda a narrativa.



“Heat – Cidade Sob Pressão” ultrapassa largamente os limites do thriller policial. É uma reflexão sobre obsessão, profissionalismo, lealdade e destino, construída com uma elegância formal rara no cinema comercial americano. Michael Mann demonstra que o espetáculo pode coexistir com uma profunda complexidade psicológica, criando uma obra simultaneamente grandiosa e intimista.

Visto hoje, “Heat” continua a afirmar-se como um dos grandes policiais das últimas décadas. A influência que exerceu sobre o género permanece evidente, mas poucos filmes conseguiram igualar o equilíbrio entre intensidade dramática, rigor formal e humanidade que aqui se encontra. É um daqueles raros casos em que o cinema de entretenimento atinge a dimensão de verdadeiro clássico.



HEAT – CIDADE SOB PRESSÃO

Título original: Heat

Realização: Michael Mann (EUA, 1995); Argumento: Michael Mann; Produção: Michael Mann, Art Linson; Produção executiva: Arnon Milchan, Pieter Jan Brugge; Música: Elliot Goldenthal; Fotografia (cor): Dante Spinotti; Montagem: Dov Hoenig, Pasquale Buba, William Goldenberg, Paul Rubell; Casting: Bonnie Timmermann; Design de produção: Neil Spisak; Direcção artística: Alan E. Muraoka, Edward T. McAvoy; Decoração: Cindy Carr; Guarda-roupa: Colleen Atwood; Maquilhagem: Dick Smith, Greg Cannom, Michael Germain, Ve Neill; Assistentes de realização: Steve Boyum, David Sosna; Departamento de arte: Chris Soldo, Sandy Veneziano, Thomas Valentine, Thomas L. Roysden, David Lazan; Som: Willie D. Burton, Chris David, Donald O. Mitchell, Kevin O'Connell, Rick Kline, Scott Millan, Greg P. Russell; Efeitos especiais: Peter Chesney, John Frazier; Companhias de produção: Regency Enterprises, Forward Pass, Warner Bros. Pictures;

Com: Al Pacino (Lt. Vincent Hanna), Robert De Niro (Neil McCauley), Val Kilmer (Chris Shiherlis), Jon Voight (Nate), Tom Sizemore (Michael Cheritto), Ashley Judd (Charlene Shiherlis), Amy Brenneman (Eady), Diane Venora (Justine Hanna),

Mykelti Williamson (Drucker), Wes Studi (Casals), Ted Levine (Bosko), Dennis Haysbert (Donald Breedan), William Fichtner (Roger Van Zant), Kevin Gage (Waingro), Natalie Portman (Lauren Gustafson), Hank Azaria (Alan Marciano), Danny Trejo (Trejo), Tom Noonan (Kelso), Henry Rollins (Hugh Benny), Jeremy Piven (Dr. Bob), Xander Berkeley (Ralph), etc.

Duração: 170 minutos; Distribuição em Portugal: Lusomundo; Classificação etária: M/16 anos;

Estreia em Portugal: 12 de Janeiro de 1996.

FÓRUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 27 DE JULHO DE 2026

Masterclass “Polícias e Ladrões - O Cinema à Lei da Bala”, 21H00 (entrada livre)

“JACKIE BROWN”, de Quentin Tarantino (1997)